

□ Tempo de leitura: 4 min.

Um homem destinado à eliminação

Tito Zeman nasceu em Vajnory, perto de Bratislava (na Eslováquia), em 4 de janeiro de 1915, o primeiro de dez filhos de uma família simples. Aos 10 anos de idade, foi subitamente curado pela intercessão de Nossa Senhora e prometeu “ser seu filho para sempre” e se tornar um padre salesiano. Ele começou a realizar esse sonho em 1927, depois de superar a oposição de sua família por dois anos. Ele havia pedido à família que vendesse um campo para poder pagar seus estudos e acrescentou: “Se eu tivesse morrido, vocês teriam encontrado o dinheiro para o meu funeral. Por favor, usem esse dinheiro para pagar meus estudos”.

A mesma determinação retorna constantemente em Zeman: quando o regime comunista se estabeleceu na Tchecoslováquia e perseguiu a Igreja, o P. Titus defendeu o símbolo do crucifixo (1946), pagando com sua demissão da escola onde lecionava. Tendo escapado providencialmente da dramática “Noite dos Bárbaros” e da deportação dos religiosos (13-14 de abril de 1950), ele decidiu atravessar a Cortina de Ferro com os jovens salesianos para Turim, onde foi recebido pelo Reitor-Mor, P. Pedro Ricaldone. Depois de duas travessias bem-sucedidas (verão e outono de 1950), a expedição fracassou em abril de 1951. O P. Zeman enfrentou uma semana inicial de tortura e mais dez meses de detenção preventiva, com mais torturas pesadas, até o julgamento em 20-22 de fevereiro de 1952. Ele passaria então por 12 anos de detenção (1952-1964) e quase cinco anos em liberdade condicional, sempre espionado e perseguido (1964-1969).

Em fevereiro de 1952, o Procurador Geral pediu a pena de morte para ele por espionagem, alta traição e cruzamento ilegal de fronteira, que foi comutada para 25 anos de prisão dura sem liberdade condicional. No entanto, o P. Zeman é considerado um “homem destinado à eliminação” e passa a viver em campos de trabalho forçado. Ele é forçado a moer urânio radioativo à mão e sem proteção; passa longos períodos em confinamento solitário, com uma ração de comida seis vezes menor do que a dos outros. Ele fica gravemente doente, com doenças cardíacas, pulmonares e neurológicas. Em 10 de março de 1964, tendo cumprido metade de sua pena, é libertado da prisão, em liberdade condicional por sete anos, mas está fisicamente irreconhecível e passa por um período de intenso sofrimento, inclusive espiritual, devido à proibição de exercer publicamente seu ministério sacerdotal. Morreu, após receber anistia, em 8 de janeiro de 1969.

Salvador das vocações até o martírio

O P. Tito viveu sua vocação e a missão especial à qual se sentiu chamado

para trabalhar pela salvação das vocações com grande espírito de fé, abraçando a hora da “provação” e do “sacrifício” e testemunhando sua capacidade, também devido à graça recebida de Deus, de enfrentar a oferta de sua vida, a paixão da prisão e da tortura e, finalmente, a morte com uma consciência cristã, consagrada e sacerdotal. Isso é atestado pelo rosário de 58 contas, uma para cada período de tortura, que ele fez com pão e linha e, acima de tudo, pela referência ao Ecce homo, como Aquele que o acompanhou em seus sofrimentos e sem o qual ele não teria sido capaz de enfrentá-los. Ele guardou e defendeu a fé dos jovens em tempos de perseguição, para se opor à reeducação comunista e ao redesenvolvimento ideológico. Sua jornada de fé é um “resplendor” contínuo de virtudes, fruto de uma vida interior intensa, que se traduz em uma missão corajosa, em um país onde o comunismo pretendia eliminar todos os vestígios da vida cristã. Toda a vida do P. Titus se resume em encorajar os outros a essa “fidelidade na vocação” com a qual ele seguiu decisivamente a sua própria vocação. Seu amor pela Igreja e por sua própria vocação religiosa e missão apostólica era total. Seus empreendimentos ousados fluem desse amor unificado e unificador.

Testemunha de esperança

O testemunho heroico do Beato Tito Zeman é uma das mais belas páginas de fé que as comunidades cristãs da Europa Oriental e a Congregação Salesiana escreveram durante os duros anos de perseguição religiosa pelos regimes comunistas no século passado. Particularmente brilhante nele foi seu compromisso com as jovens vocações consagradas e sacerdotais, decisivas para o futuro da fé naqueles territórios.

Com sua vida, o P. Tito se mostra um homem de unidade, que rompe barreiras, medeia conflitos, busca sempre o bem integral da pessoa; além disso, sempre considera possível uma alternativa, uma solução melhor, uma não rendição às circunstâncias desfavoráveis. Nos mesmos anos em que alguns apostataram ou traíram, e outros desanimaram, ele fortaleceu a esperança dos jovens chamados ao sacerdócio. Sua obediência é criativa, não formalista. Ele age não apenas para o bem de seu próximo, mas da melhor maneira possível. Assim, ele não se limita a organizar as fugas dos clérigos para o exterior, mas os acompanha pagando pessoalmente, permitindo que cheguem a Turim, na convicção de que “na casa de Dom Bosco” eles teriam uma experiência destinada a marcar toda a sua vida. Na raiz está a consciência de que salvar uma vocação é salvar muitas vidas: em primeiro lugar, a de quem é chamado, depois aquelas que a vocação obedecida alcança, nesse caso, por meio da vida religiosa e sacerdotal.

É significativo que o martírio do P. Titus Zeman tenha sido reconhecido na esteira do bicentenário do nascimento de São João Bosco. O seu testemunho é a encarnação do chamado vocacional de Jesus e da predileção pastoral pelas crianças e pelos jovens, especialmente pelos seus jovens irmãos salesianos, predileção que se manifestou, como em Dom Bosco, em uma verdadeira “paixão”, buscando o bem deles, colocando nisso toda a sua energia, toda a sua força, toda a sua vida em um espírito de sacrifício e de oferta: “Mesmo que eu perdesse a minha vida, não a consideraria desperdiçada, sabendo que pelo menos um daqueles que eu ajudei se tornou sacerdote em meu lugar”.